

MEMÓRIAS, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÃO FEMININA EM GENI GUIMARÃES E JARID ARRAES

Laís Gerotto de Freitas Valentim¹

Kely Xavier da Silva²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar os contos “Primeiras lembranças”, o qual está presente no livro *A cor da ternura* (1998), de Geni Guimarães, e “Despedida de Juazeiro do Norte”, presente no livro *Redemoinho em dia quente* (2019), de Jarid Arraes. Nesse estudo comparativo, usam-se a memória, a identidade e a representação feminina das protagonistas dos textos-objeto, provocando a reflexão sobre a figura da mulher nas obras de ambas as escritoras e como estas se constroem ao longo das narrativas, trazendo à tona os preceitos vistos acima e a ancestralidade negra representada. A metodologia utilizada foi a bibliográfica.

Palavras-chave: Jarid Arraes; Geni Guimarães; Memória; Identidade; Representação feminina.

Introdução

A Literatura de autoria negra, inclusive a feminina, tem como uma de suas características o resgate do passado dos seus indivíduos, sendo assim, memória e identidade estão inseridas nesse contexto, servindo de apoio aos muitos trabalhos acadêmicos referentes ao assunto, tal como este. É importante que se diga que essa literatura traz elementos subjetivos aos escritos, mas, ao mesmo tempo, tem temas como denúncia social muito latentes, pois o resgate do passado nada mais

1 Doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, bolsista por mérito acadêmico. É Mestra em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), foi bolsista, nesse período, CAPES/PROEX. É especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela UPM (2016). É graduada em Letras - Português/inglês, habilitação Tradutor/Intérprete - pelo Centro Universitário Anhanguera de São Paulo - Unidade Brigadeiro (2013). É membro dos grupos de pesquisa: LICEX- Literatura em campo expandido; Linguagem, identidade e sociedade: estudos sobre a mídia, e SIBILA, todos da UPM. Suas linhas de pesquisa são a literatura feminina latino-americana contemporânea, teoria literária e literatura comparada. E-mail: laisgfvalentim@yahoo.com.br.

2 Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), bolsista CAPES. Graduada em pedagogia (Licenciatura) pela Universidade Paulista e em artes visuais pelo Centro Universitário Claretiano. É membro do grupo de pesquisa SIBILA, da UPM. Suas linhas de pesquisa são literatura, educação e antirracismo. E-mails: kellyxavier63@hotmail.com e kelyxaviier@gmail.com.

é do que querer demonstrar às pessoas o quão é importante lutar contra o racismo e conscientizar o ser humano, o branco principalmente, de que a luta antirracista é um dever de todos. Outras características desse tipo de literatura são, segundo Cuti (2010), a busca pela identidade e alteridade, ou seja, a identidade é a relação entre membros de uma mesma cultura e a alteridade é a valorização e empatia por membros de culturas diferentes (negros e brancos, por exemplo). A afirmação como indivíduo negro dentro da literatura torna-se importante para o resgate de culturas; também as identidades cultural, política e histórica surgem como resgate da África por meio dessas personagens negras, resgatando a sua ancestralidade e valorizando-as conforme afirmado por Cuti (2010).

Geni Guimarães e Jarid Arraes atendem em suas obras a todos esses requisitos, é fato que ambas têm uma obra rica e diversificada, mas a conscientização do antirracismo está presente na maioria ou em todas elas. Por serem autoras negras (Jarid Arraes tem ascendência negra, mas sem dúvida é uma voz importante nesse quesito) e fazerem parte da literatura de autoria negra³, enquadram-se no que dizem as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que “tornam obrigatório o ensino da História e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar com ênfase nas disciplinas de História, Arte e Literatura, objetivando a educação para as relações étnico-raciais” (BRASIL).

Por isso, elas são escritoras estudadas e ambas as leis citadas acima são importantes para entender a cultura do povo negro, Jarid Arraes e Geni Guimarães são exemplos de escritoras que podem/devem (e são muitas vezes) ser estudadas nas escolas e Universidades brasileiras a fim de que se cumpra o que está previsto em lei. Faremos nos dois parágrafos seguintes uma minibiografia de cada uma delas.

Geni Guimarães⁴ é professora, poeta e ficcionista, nasceu na área rural do município de São Manoel-SP, em 8 de setembro de 1947. Em 1979, lançou seu primeiro livro de poemas, *Terceiro filho*. No início dos anos 80, aproximou-se do grupo *Quilombhoje* e do debate em torno da literatura negra. Dedicou-se às questões sociais, principalmente no que se refere à afirmação da afrodescendência, chegando a se candidatar para o cargo de vereadora de sua cidade em 2000. Porém, não foi eleita. Em 1981, publicou dois contos no número 4 de *Cadernos Negros*, assim como seu segundo livro de poesia, fortemente marcado pelos tons de protesto e de afirmação identitária. Ao longo da década, ampliou sua presença no circuito literário brasileiro. Em 1988, participou da IV Bienal Nestlé de Literatura, dedicada ao Centenário da Abolição. Neste mesmo ano, a Fundação Nestlé publicou seu volume de contos intitulado *Leite do peito*. No ano seguinte, publicou a novela *A cor da ternura*, que recebeu os prêmios Jabuti e Adolfo Aisen.

3 Dizemos literatura de autoria negra porque segundo o próprio Cuti há escritores brancos que se identificam de alguma forma com a literatura negra, é o caso de Jarid Arraes, tem a pele branca, mas seus ancestrais são negros, ela se identifica com eles e faz permear em seus escritos o antirracismo e a exaltação desse povo.

4 As informações a respeito da escritora Geni Guimarães foram retiradas do site da UFMG, que consta nas referências bibliográficas.

Jarid Arraes⁵ é cordelista, contista e poeta, nasceu em 12 de fevereiro de 1991, em Juazeiro do Norte, região do Cariri, no estado do Ceará, e reside atualmente em São Paulo. Com a obra *Redemoinho em dia quente* (2019), ganhou os prêmios Biblioteca Nacional, APCA (Associação Paulista de Críticos Teatrais) de literatura na categoria de contos e foi finalista do Prêmio Jabuti. Recentemente, lançou pela Companhia das Letras o seu primeiro romance: *Corpo desfeito* (2022). Dentre os seus demais livros, estão *As lendas de Dandara* (2016), *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* (2020), e *Um buraco com meu nome* (2021).

A representação feminina também é um dos elementos que aparece como central em seus contos/romances, dar protagonismo à mulher é uma forma de despertar interesse para problemas que ocorrem há séculos como a invisibilização da mulher negra, que sempre foi tratada como alguém que dispensa cuidados, carinho, atenção e até mesmo amor. De forma bem estereotipada, é vista como alguém forte, que não esmorece e que deve oferecer cuidados aos outros. Além disso, é hipersexualizada e tratada como objeto por muitos.

Desmistificando tais estereótipos, a memória e a identidade surgem nos contos mencionados como elementos que servem para entender as personagens envolvidas e revelar o sofrimento, bem como o orgulho que sentem, de fazer parte de uma sociedade que exclui indivíduos negros, no caso, mulheres. Para isso, como referências bibliográficas, utilizamos: os livros *Memória e identidade* (2011), de Joel Candau, e *A identidade cultural na pós-modernidade* (2007), de Stuart Hall; além disso, usamos como apoio a estes o artigo “Memória e identidade social” (1992), de Michael Pollak. Também o livro *Literatura negro-brasileira* (2010), de Cuti, foi utilizado como teoria de apoio com relação às características da literatura negro-brasileira; O livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), de Grada Kilomba, e alguns artigos de Lélia González (2020) foram importantes documentos utilizados para endossar o entendimento da questão racial.

2 Memória e identidade como representação de um povo

Stuart Hall⁶ escreveu vários ensaios e livros sobre assuntos como diáspora e identidade, a qual se verá neste item e que nos servirá de base.

Hall (2006, p. 10-14) exemplifica três tipos de sujeito: o sujeito do Iluminismo é aquele que possui uma razão, uma consciência; o sujeito sociológico é aquele que necessita do meio em que vive para formar o seu “caráter” e as suas ações, e o sujeito pós-moderno é aquele que tem várias identidades devido a fatores externos como a globalização e o seu impacto sobre a identidade cultural, assim como mudanças rápidas, abrangentes e contínuas que ocorrem nas sociedades

5 As informações a respeito da escritora Jarid Arraes foram retiradas de seu site oficial, que consta nas referências bibliográficas.

6 Com relação aos estudos de Stuart Hall sobre identidade, esse item foi um recorte retirado de trabalho feito anteriormente por uma das pesquisadoras.

modernas, também as consequências políticas da fragmentação identitária ou mesmo a “pluralização” dessas identidades como responsáveis por isso.

Stuart Hall (2006) afirma que o sujeito moderno se formou a partir de uma série de acontecimentos, que seriam: a “ruptura” da Igreja com a sociedade, ou seja, a Igreja passou a não ter mais o poder de decidir nada pelas pessoas, e, também, o surgimento do Renascimento, que, como é sabido, colocou o homem no centro do Universo, além do surgimento do Iluminismo, que deu mais visibilidade à ciência e à razão do que a crenças.

Hall (2006) ainda fala sobre o sujeito cartesiano do Iluminismo, que seria aquele sujeito racional, pensante e consciente detalhado por Descartes. Esse sujeito cartesiano comporia uma das identidades do sujeito moderno segundo ele porque, na biologia darwiniana, a razão tem uma base na natureza e a mente é um “fundamento” no desenvolvimento físico do cérebro, além de haver o surgimento das novas ciências sociais.

Para Hall (2006, p. 34-47), existem cinco grandes avanços responsáveis pelo “descentramento” do sujeito, isto é, pela fragmentação do sujeito e suas múltiplas identidades: as tradições do pensamento marxista; a descoberta do inconsciente pelo psiquiatra Sigmund Freud; a teoria do linguista Ferdinand de Saussure quando diz que a língua é um sistema social e não individual; a teoria do poder disciplinar, uma genealogia do sujeito moderno, descrita pelo filósofo Michel Foucault e o feminismo, movimento que, segundo Hall, é responsável pela luta dos menos favorecidos - incluem-se aqui negros e o público LGBTQIAPN+.

Continuando sua pesquisa, Hall (2006, p. 48-49) afirma que “a identidade cultural nacional é formada no interior da representação, ou seja, as pessoas participam da ideia de nação representada em sua cultura nacional”. A cultura nacional para ele é um discurso no qual o modo de construir sentidos influencia as ações do homem e sua concepção de si mesmo, organizando-os em forma de narrativas (história, literatura, mídia e cultura); valorização das origens (dar continuidade à tradição, tornando-a atemporal); invenção da tradição; mito fundacional (origem de uma nação, do seu povo e de seu caráter nacional) e, por fim, surge, então, uma comunidade imaginada, que está imersa nas memórias do passado e no desejo de viver em conjunto, além de perpetuar essa “herança” cultural (Hall, 2006, p. 50-54).

A globalização, segundo Hall (2006), também teve um impacto muito grande nas sociedades atuais, pois atravessa fronteiras, integrando as comunidades envolvidas e distanciando o sujeito da ideia sociológica clássica e um dos argumentos que ele utiliza é que “o efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade cultural.” (Hall, 2006, p. 73)

Ainda falando sobre globalização, Hall (2006, p. 77-78) menciona que as identidades nacionais são homogeneizadas e um dos argumentos que utiliza é o de Kevin Robin e da diferença da mercantilização da etnia e da “alteridade”, ou seja, alteridade é o interesse pelo local em que o sujeito está inserido, com o

surgimento de novas identidades e novas ideias. A globalização é “desigualmente distribuída” e ainda afirma que:

No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural”. (Hall, 2006, p. 75-76)

Para finalizar, Hall (2006, p. 92) traz um conceito de “identidades purificadas”, que nada mais são do que “o ressurgimento do nacionalismo na Europa Oriental e o crescimento do fundamentalismo, com o objetivo de restaurar a coesão, o ‘fechamento’ e a Tradição”. Além disso, ele afirma que muitas nações enfrentam problemas étnicos de cunho racial e religioso, trazendo então conflitos de identidades e, principalmente, políticos.

Este é um dos meios pelos quais ocorre o fortalecimento da identidade, possibilitando a resistência de grupos pela literatura, que desempenha um papel importante na era da globalização, especialmente no que diz respeito à preservação e fortalecimento das identidades culturais. Conforme mencionado por Hall (2006), a globalização tende a enfraquecer as formas nacionais de identidade cultural, tornando as diferenças e distinções culturais menos proeminentes em meio ao discurso do consumismo global. No entanto, a literatura pode contrapor esse fenômeno, permitindo que as tradições específicas e as diferentes identidades sejam preservadas e celebradas. Por meio dela, é possível resistir à homogeneização cultural imposta pela globalização, pois as obras literárias têm o poder de explorar as complexidades das identidades locais e representá-las. Os autores podem narrar histórias que refletem as experiências e perspectivas de suas comunidades, destacando as nuances culturais, os valores tradicionais e os desafios enfrentados. Ao escrever sobre temas étnicos, raciais e religiosos, a literatura permite a exploração das questões de identidade que surgem no contexto da globalização.

A memória é um elemento que faz parte das experiências vividas e lembranças herdadas das pessoas, sem ela, não se criam vínculos, histórias, laços afetivos. Sendo uma parte importante na vida do ser humano, tem sido muito utilizada nos estudos culturais ultimamente, sendo um item interdisciplinar nas Universidades e tendo relação com a identidade embora sejam autônomas.

Antropólogos como Joel Candau estudam a memória e fazem algumas definições sobre ela que veremos a seguir.

Candau (2011, p. 21) define a identidade como um estado em relação à memória e esta como uma faculdade em relação àquela. Também afirma que ambas são indissociáveis apesar de autônomas em relação uma à outra, isto é, elas têm características próprias, mas têm ligação. Sendo a memória relacionada à ancestralidade, Candau (2011, p. 20-24) classifica três tipos: protomemória, que é

imperceptível, sem consciência de que está sendo usada, automática; recordação/reconhecimento, que são as lembranças autobiográficas ou enciclopédicas - saberes, crenças etc.- destinadas a um grupo e a metamemória, que é a representação individual da memória.

O pesquisador afirma que quanto à memória coletiva “num primeiro momento, deve-se fazer a distinção entre o dizer que há uma memória coletiva e realmente acreditar que ela exista, ou seja, ela existe no plano discursivo, mas não no concreto.” (Candau, 2011, p. 35). A memória, nesse caso, existe no plano discursivo devido às atividades culturais que existem em torno dela, como a construção de museus, a presença de narrativas, etc. e não existe no plano concreto porque, apesar de tudo, cada indivíduo tem sua experiência de vida conforme Candau aponta. Ainda exemplifica (2011) que um ou outro sempre destoa da sua comunidade: “muçulmanos não comem carne de porco, porém, pode ser que haja um muçulmano que coma”.

Para finalizar o estudo, Candau (2011, p. 119-121) diz que a memória tem dois tipos de transmissão: protomemorial, que ocorre de maneira involuntária, e memorial, que são as experiências individuais adquiridas ao longo do tempo de maneira inconsciente. Ambas estão relacionadas entre si. Ainda temos a memória histórica, que é aquela emprestada, longa e unificada, e a memória coletiva, que é aquela produzida, plural. (Hallbwachs *apud* Candau, 2011, p. 132).

Sabemos que tanto a memória quanto a identidade têm a sua importância na sociedade e para cada indivíduo, portanto, não é possível que haja um grupo que seja desprovido de qualquer uma delas. Transmitida de geração a geração, a memória também pode ser uma experiência individual, portanto, há essas duas formas de adquiri-la. No próximo item, faremos a análise dos objetos de estudo aplicando tais conceitos.

Para o movimento negro a literatura vem se mantendo firme no percurso, para que a identidade dos negros no Brasil seja vista e ouvida por meio da perspectiva e vivência dos negros, autores se destacam nesse processo como Abdias Nascimento, Lima Barreto, Cruz e Souza e Cuti, mas no que se diz respeito à escrita de autoria feminina negra, temos os grandes nomes como, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Antonieta de Barros, entre outras. Mulheres que com suas palavras tornam possível a visibilidade da mulher negra não estereotipada na literatura, um percurso que ainda está sendo trilhado, repensado e discutido, percurso que descreve Esmeralda Ribeiro em seu poema “Serão sempre as terras do senhor?”, presente nas páginas 20-21 do volume 17 dos *Cadernos Negros*, que gestará novos zumbis e acrescento, gestará novas Marias Firmino dos Reis, abrindo espaços para que outras vozes sejam ouvidas.

Duas dessas vozes proeminentes no movimento de autoria feminina da literatura negro-brasileira são Geni Guimarães e Jarid Arraes. Ambas as escritoras têm contribuído de maneira significativa para a literatura brasileira, trazendo à tona

temas relevantes e promovendo reflexões profundas sobre a condição da mulher negra na sociedade.

Geni Guimarães é amplamente reconhecida por sua escrita impactante e poética, que aborda de forma profunda questões relacionadas à infância, família, raça e ancestralidade. Seus contos apresentam narrativas envolventes que provocam reflexões intensas sobre preconceito e racismo, oferecendo uma perspectiva singular da realidade.

Por sua vez, Jarid Arraes traz em suas obras uma abordagem contemporânea e provocativa. Seus contos exploram as experiências das mulheres negras na sociedade atual, destacando temas como discriminação, identidade e representatividade. Portanto, a análise a seguir diz respeito aos contos “Primeiras lembranças”, de Geni Guimarães, e “Despedida do juazeiro”, de Jarid Arraes, com o objetivo de comparar os elementos que conectam a escrita de ambas as autoras.

3 A literatura comparada como objeto de estudo de memória e identidade: os contos de Geni Guimarães e Jarid Arraes em foco

3.1 “Primeiras lembranças”: memória familiar e formação da identidade

Lélia González (2020) dizia que os filhos das mulheres escravizadas eram, muitas vezes, retirados de suas mães. Isso ocorre no conto de Geni Guimarães, pois, de certa forma, a criança sofre com a distância temporal imposta a eles, além do fato de que a amamentação já não acontece mais por estar crescendo e explorando o mundo. No passado, na época da escravização, as mucamas, em grande parte, além de amamentarem seus filhos amamentavam os filhos de suas senhoras, por isso a expressão “ama de leite”. No conto de Geni, percebemos que de certa forma isso está preservado como herança de um passado colonial.

Em “Primeiras lembranças”, a autora recorre ao seu museu de acontecimentos⁷ narra uma criança que está explorando o mundo ao seu redor. Com uma mente curiosa e cheia de questionamentos, ela começa a perceber que está se distanciando de sua mãe ao perceber que esta não a amamenta mais “*mas as coisas começaram a mudar, era só eu querer mamar, ela se esquivava*” (Guimarães, 1998, p. 12. Grifos nossos) embora ofereça outros tipos de alimentos, não satisfaz o desejo da criança pelo leite materno. A autora expressa essa frustração da criança ao descrever: “*era só eu botar a mão no decote do seu vestido, vinha a saída: uma bolacha caseira, uma goiaba, uma laranja, ou qualquer outra guloseima para me tapear*” (Guimarães, 1998, p.13. Grifos nossos). Para a criança as coisas não eram mais como antes.

7 Representação dos marcos de uma trajetória individual ou coletiva que encontra sua lógica e sua coerência nessa marcação para se criar uma narrativa reais ou ficcionais (Candau, 2011 p.98).

A princípio a garota achava que a mãe estaria doente, o medo de perder a mãe fica expresso nas palavras de agonia da criança na busca por uma resposta, pois “*Precisava saber se quando mãe morre, a gente pelo menos podia morrer também*” (Guimarães, 1998, p.15. Grifos nossos) O amor pela mãe e admiração por sua imagem fica muito visível em quase todo conto ao expressar:

Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la. O dia todo arrastava o chinelo pela casa. Ia e vinha. Eu também ia, eu também vinha.

Quando me flagrava, bebendo seus gestos, esboçava um riso calmo, curto. Meu coração saltava feliz dentro do peito.

Eu abaixava a cabeça e fechava os olhos. Revivia o riso dela mil vezes e à noite deitava-me mais cedo para pensar no cheiro de terra e mãe. (Guimarães, 1998, p.17-18)

Além das memórias afetivas, há nuances da memória do espaço físico de sua infância, tornando a visita ao passado mais concreta, quase que visível em:

[...] Com dedão do pé, comecei a fazer buraquinhos no chão ...Com meu vestido de florezinhas azuis ...Minha mãe cerzia uma camisa xadrez, em pé, encostada no fogão apagado...Sentou-se numa cadeira feita de palhas trançadas (Guimarães, 1998, p. 13-17).

Os componentes em questão são avaliados de acordo com a abordagem de Candau (2011, p. 99) como integrantes de lembranças individuais que filtram eventos da vida do sujeito. Esses elementos, ao adquirirem conotações simbólicas, desempenham um papel fundamental na construção da identidade. Assim, quando a personagem resgata memórias da infância, ela está, de forma indireta, traçando as linhas narrativas de suas experiências identitárias. A memória aqui é expressa através de lembranças que evocam a infância e a inocência, os cheiros familiares e o medo de perder a mãe e seu lugar como filha caçula. Mais tarde, ela descobre que esse temor era justificado, pois sua mãe estava grávida. No entanto, a memória e a identidade dessa personagem estão intrinsecamente relacionadas com as experiências de preconceito e racismo que ela vivenciou. Em perguntas inocentes, ela revela o desejo de se libertar dessas amarras, ao indagar se a “tinta” que a define poderia ser removida, como se referisse ao tom de sua pele: “*Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?*” (Guimarães, 1998, p. 10. Grifos nossos), evocando aos principais estudos de Neuza Souza sobre a identidade negra, em “*tornar-se negro em uma sociedade em que o padrão ideal e moral é o branco*” (Souza, 1983, p. 20. Grifos nossos)

Outra passagem que reforça esse discurso pode ser encontrada nos versos finais do conto, em que a menina se sente hesitante em chamar seu irmão recém-nascido de Jesus, simplesmente porque ele é negro. Essa situação destaca como desde tenra idade a imagem branca é associada ao positivo, enquanto o negro é relacionado ao negativo (Souza, 1983, p. 27). Sobre isso, Kilomba (2021, p. 46), em

seu livro, afirma que “o racismo é um ‘processo psicológico que exige trabalho’” e, em seguida, diz que existem cinco estágios do racismo, que são a negação, a culpa, a vergonha, o reconhecimento e a reparação. Todos estes são parte de um processo de aceitação por que todos, inclusive os negros, passam.

Kilomba vai ao encontro do que diz Lélia González no artigo “Racismo por omissão”, pois o negro, segundo ela, não tem noção do que é ser negro muitas vezes, mas isso não é culpa dele e sim do sistema existente no Brasil que é institucionalizado: “Afim, a questão do racismo está intimamente ligada à suposta superioridade cultural.” (González, 2020, p. 221)

Ao examinarmos esse conto, fica evidente a presença dos elementos fundamentais da família como alicerce para a formação de valores, crenças e a própria identidade. No entanto, a comunidade na qual a protagonista está inserida também desempenha um papel crucial no reforço do coletivo. Como por exemplo, podemos identificar elementos que se enquadram na definição de memória geracional, como proposto por Candau.

Ela é a consciência de pertencer a uma cadeia de gerações sucessivas das quais o grupo ou o indivíduo se sente mais ou menos herdeiro. É a consciência de sermos os continuadores dos nossos predecessores. Essa consciência do peso de gerações anteriores é manifesta em expressões de forte carga identitária. (Candau, 2011 p. 142)

Essa consciência de estender os aprendizados herdados pelos que vieram antes se manifesta nesse trecho:

[...] O pessoal da redondeza vinha conhecer a criança trazendo presentes. Aproveitavam a ocasião para agradecer minha mãe, por ter, com benzimentos, remédios caseiros, curado seus filhos de lombriga, bucho- virado ou mesmo quebranto. Traziam galinhas gordas, amarelas, brancas e rajadas. Não davam galinhas pretas, explicou dona Jandira para a Iraci, um dia, porque eram duram e só serviam mesmo para despachos. (Guimarães, 1998, p. 20)

A mãe em si desempenhava naquela comunidade o papel de preservadora dessas crenças arraigadas. Ela abençoava as crianças, produzia remédios e transmitia de forma contínua o conhecimento adquirido às gerações seguintes. A prática de não permitir que o recém-nascido saísse do quarto durante os primeiros sete dias, para evitar o risco de contrair o “mal de sete dias”, ilustra um ensinamento enraizado em experiências e aprendizados acumulados ao longo do tempo. Esse costume, atualmente investigado e referido como Tétano Neonatal, resplandece como um exemplo das ligações entre tradição e investigação médica.

Dessa forma, compreendemos que as vivências de um indivíduo e a maneira como ele entrelaça suas memórias para narrar suas histórias assumem um papel fundamental em sua identidade. Da mesma forma, transmitir essas narrativas às gerações posteriores e reafirmar suas raízes evoluem como necessidades intrínsecas à sociedade.

3.2 “Despedida de Juazeiro do Norte”: lembranças no centro das discussões

Nesse conto, a protagonista nascida em Juazeiro do Norte, depara-se com uma cidade muito diferente daquela de quando era criança e então começa a resgatar memórias e fatos, lamentando por eles, mas ao mesmo tempo exaltando Juazeiro do Norte.

Observando a memória como um elemento de cultura e tendo em vista que é necessária para que a mantenhamos viva nas nossas mentes, no excerto a seguir de “Despedida de Juazeiro do Norte”, vemos:

Quero dizer adeus, quero prestar meus respeitos.

Eu me lembro dos casarões e das casas pequenas, compridas. Seus dois quartos muito unidos e um corredor sempre presente, ligando a sala à cozinha. Um formato quem sabe previsto, quem sabe sabido. Conhecimento de quem não falha em dominar o fundamental. Os quartos de dormir, a sala de pregar o Sagrado Coração. Oratório, toalha rendada. A cozinha com o pote de barro e os copos de alumínio. (Arraes, 2019, p. 85)

Conforme Candau afirma no excerto seguinte, é fato que a memória precisa ser lembrada de acontecimentos para que não nos sintamos vazios por dentro, para que lembremos que somos pessoas com histórias vividas e que precisam ser recordadas:

A necessidade de recordar é, portanto, real, mesmo que apenas para que não nos tornemos seres “pobres e vazios”. Mas, na realidade, mais do que necessidade de memória, o que parece existir é uma necessidade metamemorial, ou seja, uma necessidade da ideia de memória que se manifesta sob múltiplas modalidades nas sociedades modernas. Essa necessidade é indissociável da busca pelo esquecimento, que ocorre concomitante ao lembrar. (Candau, 2011, p. 126)

Ainda sobre memória, no trecho abaixo, a personagem do conto de Jarid Arraes traz muitas lembranças de Juazeiro do Norte, são memórias muito vivas ainda para essa pessoa e contêm saudades e tristeza ao mesmo tempo - algo comum quando se resgata o passado -, certas palavras - destacadas - também contribuem para que isso fique evidente:

Hoje eu vi uma foto na internet, era mais um casarão derrubado para que o chão virasse parada de carros. Era um casarão amarelo e azul, como tantos. *Já não me lembro dos detalhes, porque as curvas se apagam com facilidade na cabeça de quem não está perto. Estar perto é mais que geografia, eu digo. Meu coração também voa sobre linhas imaginárias cinza e também aqui os casarões estão abandonados.* Mas, Juazeiro, suas casas são tão meigas. (Arraes, 2019, p. 86. Grifos nossos)

Nesse caso, a memória é carregada de mais afeto devido ao tempo em que ocorre - a personagem está recordando momentos que passou em Juazeiro do

Norte e sofre com alternâncias entre memórias boas e ruins, além de estar sendo estruturada no momento da fala ao que afirma Pollak (1992, p. 204):

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.

A personagem tem uma experiência individual com relação à memória que, em certos momentos, pode ser compartilhada/experenciada por todo um grupo, porém, há coisas vividas somente por ela enquanto indivíduo, Candau (2011), então, vai ao encontro de Pollak (1992).

A identidade também está ligada à memória segundo ambos os teóricos, por isso, vemos os excertos a seguir em que latente está o questionamento da personagem com relação a esta:

Questiono meu imaginário, é claro. Isso é parte do comum ou é um quadro que pintei? Será que visitei todas as casas para que eu saiba que esse é o retrato histórico, fiel, sociológico, cultural da antropologia, da etnofotografia que está xilogravada nas minhas retinas?

Eu quero me despedir, porque meu coração ama. (Arraes, 2019, p. 85)

Na última frase, a memória está muito viva quando diz que “quer se despedir porque ama” e, por isso, está sendo projetada naquele momento conforme Pollak (1992) e Candau (2011) afirmam. A memória é revisitada, nesse caso, representando uma saudade/imaginação da personagem de que a infância era uma época muito feliz para a personagem. O próprio lugar, Juazeiro do Norte, representa uma personagem, pois é o lugar da saudade, das lembranças da infância e, por causa da mudança da personagem para a cidade, a convivência com outras pessoas e sua visão de mundo mudaram ao longo do tempo. Sendo assim, o lugar onde nasceu não representa mais o que era para ela.

Conseguimos perceber no excerto acima uma indecisão da personagem sobre quem realmente ela é e o que realmente ela viu/fez, além disso, sua memória, na primeira frase, é afetada devido à sua confusão com relação à identidade. Sendo um sujeito descentralizado devido às muitas mudanças da sociedade moderna, a sua identidade fica fragmentada, ou seja, torna-se plural, com muitas identidades dentro de uma só, modificando o indivíduo conforme afirma Stuart Hall:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (Hall, 2007, p. 9)

Tais mudanças são responsáveis pelas mudanças de pensamentos, ações e visão de mundo das pessoas. A seguir, vemos mais um excerto de Arraes em que a identidade está presente na personagem:

Mas eu já vou me despedir.

Sinto muito. Meu amigo sente muito. Há pessoas que sentem tanto. E as páginas na internet que celebram sua história existem. Você sabe, Juazeiro, que não sou pessoa de tradição. Mas amo o que é próprio, sujeito adjetivado, escrito com todas as vírgulas possíveis que, para ser lido, te pede fôlego puxado.

Esse é você. (Arraes, 2019, p. 87)

Com relação à memória de uma maneira geral nos excertos, mas especificamente neste, e definido por Candau (2011), podemos dizer que é autobiográfica e sua transmissão é memorial, pois acontece de forma individual, ou seja, a personagem vivencia sozinha. Todavia, a sociedade como um todo, experiência essa mudança de certa maneira, pois cada um revive a sua memória e compartilha-a com o grupo; ao afirmar que “nos sites estão celebrando a história de Juazeiro do Norte” as pessoas poderão rememorar o que os seus antepassados viveram, no caso, quem é de Juazeiro do Norte ou descendente de pessoas dessa região.

Com relação à identidade, o sujeito vivencia momentos diferentes e por isso assume identidades diferentes ao longo da vida, sofrendo deslocamentos não só geográficos, mas identitários; por isso, sua identidade acaba sendo definida historicamente:

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall, 2019, p. 13)

Outra observação é que a personagem do conto não é nomeada, portanto, isso configura uma crise de sua identidade enquanto pessoa. Além disso, percebemos ao longo dos excertos de ambos os contos características da literatura negro-brasileira sendo utilizadas, como a busca pela identidade, que fica muito evidente, o resgate de culturas negra e nordestina e da ancestralidade dessas mulheres, elas resgatam um passado histórico de mulheres negras que sofreram com invisibilizações ao longo do tempo.

Em sua maioria, as personagens de Jarid Arraes são negras – algo que a própria escritora afirma em entrevistas, e aqui não seria diferente; por tudo já elencado, podemos dizer, consoante Lélia González (2020) no artigo “Racismo por omissão”, que o racismo no Brasil é estrutural, que funciona como uma exclusão do indivíduo negro das estruturas sociais e políticas; institucional, pois sujeitos brancos têm vantagens com relação a outros grupos “minoritários” e cotidiano, pois é uma projeção da branquitude de que tudo que é derivado/originário da negritude é

negativo. Nesse caso, a personagem sai de sua cidade natal em busca de condições de vida melhores reafirmando a “teoria” da socióloga brasileira e ainda tem que lidar com a xenofobia⁸, algo muito presente na nossa sociedade também.

No artigo “Democracia racial? Nada disso!”, González afirma ainda que a nacionalidade brasileira está atrelada à incorporação da cultura negra, sendo que esta sempre “empresta” seus elementos às demais:

Enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo, negros e brancos, e juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma práxis de conscientização da questão da discriminação racial neste país, vai ser muito difícil, no Brasil, se chegar ao ponto de efetivamente sermos uma democracia racial. No lastro do todo das questões que estão colocadas, o que se percebe é que estamos num país em que as classes dominantes, os donos do poder e os intelectuais a serviço dessas classes, de fato, não abrem mão. (González, 2020, p. 310)

Já há algum tempo, porém, os intelectuais têm problematizado mais questões raciais, de gênero, classe, etc. Não que antes não houvesse isso, mas as chamadas minorias estão em pauta e esses profissionais têm buscado mais a compreensão desses grupos para que o Brasil seja um país mais justo, mais igual.

Ainda assim, há muitos percalços a serem retirados, o cenário é um pouco pior para as mulheres negras que, segundo Kilomba (2021), “é um ser colocado à margem da sociedade pelo fato de ocupar a base da pirâmide, tem menos importância do que o homem negro, pois possui a cor e o gênero indesejados para a branquitude” e é isso que ocorre com a personagem do conto de Jarid Arraes, ela não se encaixa em um lugar e ao rememorar a Juazeiro do Norte de sua infância, sente-se deslocada, perdida e parece que perdeu algo. É sabido, segundo a própria escritora, Jarid Arraes, menciona que as mulheres retratadas em sua obra são negras, nordestinas, etc.; ou seja, são seres que foram colocados à margem da sociedade. Assim como a comunidade acadêmica afirma:

Mulheres caririenses. Meninas, moças, adultas e idosas. Mulheres negras, transgêneros, homossexuais, bissexuais. Mulheres sonhadoras, cotidianas, violentadas pelas estruturas sociais e machistas. Personagens marginalizados e reais. Mulheres comuns. Jarid Arraes apresenta o Cariri que a gente conhece bem, longe dos estereótipos de sertão representado pela mídia. Nossos dialetos, nosso sotaque e nossa cultura estão devidamente retratados. Difícil é não se sentir representada com uma protagonista que adora o aluá das renovações, ou com as crianças que pegam bigu e mandam uma ruma de coisa para baixa da égua. (Pinheiro, 2021)

O sujeito negro sempre foi alvo de exploração – física, mental, etc – do sujeito branco.

8 Segundo o Dicionário online de português (2024), o significado de xenofobia é [Metonímia] patológico ou repúdio a algo ou alguém que não faz parte do local onde se vive ou habita; hostilidade.

Considerações finais

Ambos os contos ilustram conexões profundas entre memória e identidade para os leitores, visto que esses componentes se entrelaçam de maneira intrínseca. A abordagem concreta adotada pelas duas autoras permite uma imersão no universo imaginativo. Enquanto Jarid Arraes recria, de maneira imaginária, as casas de Juazeiro do Norte, e Geni Guimarães evoca a fazenda que floresceu com sua família, esses textos evidenciam esses laços de forma vívida. Em ambas as narrativas, surge um temor intrínseco de perda - o receio de que a mãe não mais amamentasse, a divisão do colo materno, o medo de perder momentos únicos com a mãe. As coisas não eram mais como antes. Juazeiro já não era o mesmo; o ambiente que a personagem havia eternizado em sua memória foi transformado pela modernização e pela internet, não mais refletindo as lembranças que antes havia registrado. Também vemos que a literatura negro-brasileira tem suas características que permeiam os contos e entrelaçam-se com a memória e a identidade pelo fato de fazerem parte da cultura negra.

Esse sentimento de perda encontra igualmente respaldo nas observações de Candau. Conforme o autor, trata-se de um fenômeno antropológico que nos acompanha desde o momento de nosso nascimento e que não pode ser interrompido. Gradualmente, tudo evolui, seja a infância, a juventude, ou as conexões que se transformam. Espaços e relações familiares também sofrem mutações, o que naturalmente engendra um temor:

Queremos tudo abraçar de nosso passado e sem dúvida prestamos mais atenção do que antes ao que foi perdido. Por essa razão, não podendo tudo guardar, é despertado em nós um sentimento de dispersão, de esfacelamento daquilo que é impossível captar em sua totalidade. (CANDAU, 2011 p.189)

Por outro prisma, é inegável o impacto positivo que a literatura desempenha na preservação da memória. Ao traduzirem suas experiências para o papel, os autores conferem uma vitalidade duradoura a essas recordações, permitindo revisitas constantes que ressuscitam suas raízes primordiais. A maneira como ambas as narrativas convergem ao recorrerem à memória, com o objetivo de reafirmar suas identidades, demonstra a profunda necessidade inerente aos seres humanos de encontrar um senso de pertencimento. Esse desejo pela tangibilidade e a ânsia por garantir a perpetuidade das narrativas também se manifestam claramente. A busca pelo concreto é um reflexo das âncoras que os seres humanos procuram em suas histórias, enquanto a preservação das narrativas evidencia o desejo de manter vivas as conexões com o passado, garantindo que as experiências e as identidades permaneçam intactas ao longo do tempo.

O racismo contribui para que as personagens tenham crises de identidade, memória falha ou saudosa de um tempo feliz ou seguro. Lélia González e Grada Kilomba com suas falas permitem que as personagens sejam reproduções daquilo que dizem/estudam. De fato, o racismo exclui em todos os sentidos o indivíduo

negro, principalmente a mulher, que é vítima duas vezes da sociedade na qual está inserida e isso está presente nos dois contos. Apesar de as obras terem sido escritas em décadas diferentes, existe o mesmo compartilhamento de emoções, sentimentos e sofrimentos.

MEMORIES, IDENTITIES AND FEMALE REPRESENTATION IN GENI GUIMARÃES AND JARID ARRAES

Abstract: This paper aims to analyze the short stories “Primeiras lembranças”, that is in the book *A cor da ternura* (1998), by Geni Guimarães, and “Despedida de Juazeiro do Norte”, present in the book *Redemoinho em dia quente* (2019), by Jarid Arraes. In this comparative study, the memory, the identity and the female representation of protagonists of short stories are used, provoking the reflection about the female figure in the opuses of Geni Guimarães and Jarid Arraes. It is possible to reflect on how these characters are constructed in the story-line, bringing to light the lemmas aforementioned and the black ancestry, that was represented. The methodology is bibliographical.

Keywords: Jarid Arraes; Geni Guimarães; Memory; Identity; Female representation.

Referências

ARRAES, Jarid. *Biografia*. Disponível em: <http://jaridarraes.com/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

ARRAES, Jarid. Despedida de Juazeiro do Norte. In: *Redemoinho em dia quente*. 4 reimp. Rio de Janeiro: Editora Alfabeta, 2019. p. 85-88. 127 p.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). *Leis 10.639/2003 e 11.645/2008: Obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e indígena nas escolas*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/71351-produto-estudo-sobre-aplicacao-leis-10-639-2003-11-645-2008-pdf/file>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011. 217 p.

CUTI [Luis Silva]. *Literatura negro-brasileira*. Coleção Consciência em debate. São Paulo: Selo Negro, 2010. 156 p.

GONZÁLEZ, Lélia. Democracia racial? Nada disso! p. 201 – 203. In: RIOS, F; LIMA, M (org.). *Por um feminismo afro-latino-americano – Ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020. 4ª reimp. 375 p.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo por omissão. p. 220 – 221. In: RIOS, F; LIMA, M (org.). *Por um feminismo afro-latino-americano – Ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020. 4ª reimp. 375 p.

GONZÁLEZ, Lélia. A democracia racial: uma militância. p. 310– 312. In: RIOS, F; LIMA, M (org.). *Por um feminismo afro-latino-americano – Ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020. 4ª reimp. 375 p.

GUIMARÃES, Geni. *Biografia*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/267-geni-guimaraes>. Acesso em: 22 jun. 2023.

GUIMARÃES, Geni. Primeiras lembranças. In: *A cor da ternura*. 12 ed. São Paulo: FTD, 1998. p. 9-22. 95 p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006. 11ª ed. 102 p.

IDENTIDADE/ALTERIDADE. *Portal InfoEnem - O portal mais completo do Enem. 10 anos abordando os principais assuntos do maior vestibular do país*. Disponível em: https://infoenem.com.br/cultura-identidade-e-alteridade/#Identidade_x_Alteridade. Acesso em: 04 jun 2024.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 5ª reimp. 248 p.

PINHEIRO, Shirley. Redemoinho em dia quente. In: *Nordestinados a ler*. 2021. Disponível em: <https://nordestinadosaler.com.br/2021/09/redemoinho-em-dia-quente/#:~:text=Lan%C3%A7ado%20em%202019%20pela%20editora,%C3%A9%20escritora%2C%20cordelista%20e%20poeta>. Acesso em: 04 jun. 2024.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Revista Estudos históricos: teoria e história*, v. 5. n. 10. 16 p. 1992. Tradução de Monique Augras. Seção: debate ou espaços abertos. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 26 mar. 2021.

RIBEIRO, Esmeralda. Serão sempre as terras do Senhor?. In: *Cadernos negros*, v. 17, p. 20-21.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro. Graal, 1983.

XENOFOBIA. In: *Dicio, Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/xenofobia/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Recebido em 26 de março de 2024

Aceito em 10 de maio de 2023